

PASSOS, Marie-Hélène Paret. **Crítica genética, tradução literária e performatividade**: quando escrever é fazer. Disponível em: <<http://www.item.ens.fr/index.php?id=577823>>. Acesso em 23 fev. 2015.

1	<p>Por que, e de qual maneira, a crítica genética pode ser uma forma de leitura reveladora no processo tradutório de um texto literário?</p> <p>[...] o processo tradutório é um processo criativo remetendo ao ato de escrever, isto é, ao ato de criar um discurso próprio a partir de um discurso alheio.</p> <p>[...] relação imprescindível e recôndita [implícita] entre o ato de traduzir e o ato de escrever na invenção do discurso. Portanto, é o <i>discurso</i> que deve ser traduzido posto que ele é invenção do escritor, e, ele deve ser traduzido <i>em um discurso</i>, que será invenção do tradutor. [...] (MESCHONNIC, 1999, p.459).</p>
2	<p>Penetramos no laboratório do escrever pela abordagem genética do prototexto do texto a ser traduzido por pensarmos que a crítica genética [...] como uma chave na tentativa de rever o pressuposto, dizendo que, por definição, toda tradução é uma “má” tradução, pois a tradução perfeita, que seria o original redobrado, não existe. [...]</p> <p>Analisar, quando possível, o manuscrito do texto a traduzir como trabalho preparatório à tradução é procurar o que ele faz e de qual maneira. [...]</p> <p>O laboratório do escritor, e do tradutor, é um espaço mítico em que se dá a alquimia da criação, onde os estados inacessíveis do texto em devir se sucedem na passagem do pensamento para a escritura [...].</p> <p>[...] Vários escritores [...] publicaram reflexões, análises e comentários sobre o processo de nascimento de suas produções.</p>
3	<p>[...] a tradução pertence à teoria da linguagem, pois é um ato de linguagem. É neste sentido que ela se emancipa do texto fonte e adquire um estatuto literário independente, deixando de ser uma mera cópia, inferior, por definição ao quê se costuma caracterizar de ‘original’. Ela é literatura ‘produit de l’écriture lu et transformé dans et par l’idéologie’ (MESCHONNIC, 1973, p. 25).</p> <p>É a partir do prototexto, atestando o movimento escritural de um texto em devir, que o geneticista procura reconstituir o percurso criativo do escritor. Temos aí uma primeira fase, uma primeira “tradução” [...]</p> <p>Não pretendemos insinuar que o tradutor deva ser também geneticista para que seu trabalho tenha êxito. [...]. Mas, quando for possível, o tradutor pode apoiar-se no dossiê sem tê-lo constituído, sem ter chegado à confecção de um prototexto.</p> <p>Quando o material genético existe e é analisado, ele pode abrir a porta do universo criativo do autor escolhido. Isto nos permite dizer que o material genético de um texto traduzido nos leva ao universo criativo do tradutor.</p> <p>Peter Bush [...] salientou o fato de o tradutor ser, ao mesmo tempo leitor e escritor e dirigiu uma crítica ao ensino da tradução que se limita à abordagem da teoria produzida pelos tradutólogos, julgada muito normativa. Ele revelou-se a favor de uma observação dos tradutores e dos seus manuscritos.</p>
4	<p>Conservação e análise dos rascunhos de tradutores e a relação tradutor-escritor e do tradutor um criador.</p> <p>Tendo acesso ao laboratório do autor, o tradutor conseguirá penetrar o processo de escritura alheia; conseguirá desconstruir este processo de criação para reconstruí-lo no seu discurso próprio, igualmente desenvolvido no laboratório da escritura em formação. Esse discurso será outro. O mesmo do outro. O outro do mesmo. Eis a dupla figura da tradução. Eis a dupla figura do texto literário [...].</p> <p>Relação íntima entre escrever e traduzir</p> <p>‘a literatura e a tradução literária são práticas que podem esclarecer uma a outra’</p>

	<p>(CARVALHAL, 2003, p. 221)</p> <p>O que um manuscrito faz e de que forma ele faz?</p> <p>Os documentos de processo do conto inédito de Caio Fernando Abreu: <i>Anotações para uma história de amor</i>. Três versões datilografadas e com marcas manuais de releitura compõem esse prototexto.</p>
5	<p>Perguntar o que um manuscrito faz é, em outras palavras, questionar-se sobre a sua performatividade. [...]</p> <p>- J.L. Austin: <i>quando dizer é fazer</i>, enunciados orais</p> <p>- Benveniste, enunciado escrito</p> <p>[...] No escrito, a enunciação, em seu tempo, o ato de escrever, nunca mais se dará. Só perdura a sua marca, o enunciado, que é o próprio texto. Nos estudos genéticos essa marca é abordada na sua dimensão plena, na leitura estrelada do palimpsesto da criação, isto é, nos vários momentos e movimentos que aconteceram durante a escritura em processo. [...]</p> <p>No texto publicado esse palimpsesto não é visível, apesar de sustentá-lo e conferir-lhe seu efeito, singular, pluri-dimensional e perene. O texto publicado há de adotar outra aparência, uma forma <i>limpa</i>, para possibilitar a leitura linear. Mas a linearidade dessa leitura não anula o seu efeito múltiplo. À metáfora do palimpsesto podemos justapor a do <i>holograma</i> para caracterizar o texto publicado.</p>
6	<p>[...] defendemos que o texto traduzido há de ser recriação e reescritura o que torna, portanto, a presença do tradutor no seu enunciado, fundamental e imprescindível, para que o texto traduzido produza, por sua vez, o conjunto de efeitos iniciais. [...]</p> <p>Nossa prática tradutória, na sua passagem pelos estudos genéticos, e, considerando o fazer próprio do tradutor, tenta perenizar um fazer.</p> <p>Prosseguindo no caminho de Benveniste, procuramos analisar a performatividade de <i>enunciados escritos em devir</i>. Para caracterizar esse objeto passamos a usar o sintagma <i>protoenunciado</i> [...].</p> <p>[...] no <i>protoenunciado</i>, estão circunscritas as formas linguísticas que constituem o <i>terceiro texto</i>.</p>
7	<p>[...] a abordagem genética do <i>protoenunciado</i> [...] possibilita [...] reencontrar o movimento de uma escritura. Esse movimento evidencia o que Cecília Almeida Salles chama de <i>tendências</i> e que o escritor seguiu no palimpsesto das consistências de suas diversas campanhas de escritura. [...]</p> <p>No fazer singular da criação nasce a forma que gera o efeito e é nessa ação, da forma para o efeito, que se encontra o <i>performativo</i>. O estudo da performatividade do <i>protoenunciado</i> parece-nos um ponto nevrálgico [crucial] propiciado pelos estudos genéticos, a ser utilizado, de forma igualmente performativa, no campo da tradução literária. [...]</p> <p>No Brasil, [...] [n]essa linha performativa da crítica genética, aberta, entre outros por Philippe Willemart e Cecília Salles, está o livro <i>Escrever sobre escrever</i>, de Claudia Amigo Pino e Roberto Zular, que investiga a noção de performativo nas práticas de escrita. [...]</p> <p>Isto é a transformação do material linguístico em linguagem literária, em literatura. Está marcada, nessa transformação, a passagem do enunciado performativo como simples ato de linguagem para o enunciado performativo como ato de criação. Nasce então uma forma, revelada por um fazer singular cujas práticas o geneticista procura entender.</p>
8	<p>Quem lê não imagina um prototexto, mais sente seu efeito. O texto traduzido, deve reproduzir tal sensação, como resultado de um (re)fazer, da procura de uma (re)configuração da multiplicidade semântica em um único objeto: o texto traduzido publicado.</p> <p>[...] uma recriação elaborada sem o acesso prévio às etapas da configuração formal inicial, parece-nos amputada. [...]</p> <p>[...] sem a consulta dessa parte do prototexto, o tradutor corre o risco de amputar uma parte do <i>holograma</i> original recriando um original 'aleijado' [...].</p>

	<p>Estudo de caso</p> <p>[...] No conto estudado, o autor, nas várias campanhas de escritura, trabalha principalmente a reestruturação textual [...]. O trabalho de criação concentra-se na procura de uma organização espacial, de uma forma a dar ao já escrito. Ele segue "o rumo vago de um movimento" idôneo na alternância de dois tipos de narradores e de dois gêneros textuais – fluxo de consciência ou monólogo interior e diário.</p>
9	O leitor encontra-se encurralado numa intimidade narrativa que não o deixa escapar. Efeito primordial que há de ser perpetuado na tradução.
10	[...] [o] uso de recursos não linguísticos, traços, colchetes, números, exemplificam o ato performativo criativo, produto do diálogo interior em que o escritor procura visualizar o resultado de possíveis alterações e o <i>scriptor</i> , propondo possibilidades que vêm à tona, provoca nova reestruturação.
11	<p>Dialogam, de um lado, uma linguagem interior, dirigida a si mesmo, quase egocêntrica, altamente sensorial, com a estrutura peculiar do fluxo de consciência; do outro lado, uma linguagem exterior, contudo não voltada para a comunicação já que circunscrita ao diário, isto é, um escrito para si mesmo. [...]</p> <p>É uma interioridade que grita sua dor. Que quer desesperadamente comunicar. Essa passagem por uma grande dor, e a sua metamorfose expressiva no enunciado, pode ser sentida na leitura consecutiva das três versões. É o movimento que deve conduzir a tradução e ser refeito no texto traduzido.</p>
Palavras-chave: Crítica Genética; Tradução; Processo criador.	

Débora de Souza

Doutoranda do PPGLitCult da UFBA